



A PROSTITUIÇÃO FEMININA NA AVENIDA W3 NORTE EM BRASÍLIA: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DO CONCEITO *FOUCAULTIANO* DE DISPOSITIVO

CYNTIA CRISTINA DE CARVALHO E SILVA* E HAYDÉE CARUSO**

O presente artigo baseia-se em etnografia realizada em uma das mais importantes avenidas de Brasília, a chamada W3 Norte que, entre tantos usos, é conhecida como um dos palcos da prostituição feminina de rua exercida na capital do país. A pesquisa baseia-se, conceitualmente, na proposta foucaultiana de *dispositivo*, explorada nessa comunicação para refletir sobre a imbricada relação entre a cidade de Brasília, seus contornos arquitetônicos e a apropriação de seus espaços pela prostituição feminina. Ao final, foi possível indicar traços para um dispositivo da prostituição feminina no referido espaço, caracterizado pelo intenso tráfego de veículos, pela separação espacial das atividades, pela cristalização de representações morais, religiosas, médicas, jurídicas e sociais sobre a prostituição feminina, pela objetivação das relações pessoais, discricção, anonimato, praticidade e agilidade da atividade.

Palavras-chave: Michel Foucault. *Dispositivo*. Prostituição feminina. Brasília.

Female prostitution on Avenida W3 Norte in Brasília: contributions from the Foucaultian concept of device

Abstract: This article is based on ethnography carried out on one of the most important avenues in Brasilia, the so-called W3 Norte which, among so many uses, is known as one of the stages of female street prostitution exercised in the country's capital. The research is conceptually based on the foucaultian proposal of a device, explored in this communication to reflect on the interwoven relationship between the city of Brasília, its architectural contours and the appropriation of its spaces by female prostitution. In the end, it was possible to indicate traces for a device of female prostitution in that space, characterized by the intense traffic of vehicles, by the spatial separation of activities, by the crystallization of moral, religious, medical, legal and social representations about female prostitution, by objectification personal relationships, discretion, anonymity, practicality and agility of the activity.

Keywords: Michel Foucault. Female Prostitution. Device. Brasília.

* Doutoranda e mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (UnB). Delegada da Polícia Civil do Distrito Federal. E-mail: cyntiaccs@hotmail.com

** Antropóloga. Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UnB. Pesquisadora do Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos – IneAC/UFF e do Núcleo de Estudos sobre Violência e Segurança Pública – NEVIS/UnB. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: haydeegcaruso@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto do diálogo teórico-metodológico entre duas pesquisadoras vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (PPGSOL/UnB). A primeira autora na qualidade de orientanda de mestrado e a segunda como sua orientadora. Ambas interessadas em investigar a cidade de Brasília por diferentes ângulos que pudessem revelar nuances de uma cidade marcada no imaginário social como o símbolo modernista que, nos anos 60, a transforma na Capital do país.

Brasília é, portanto, o cenário geográfico, cultural e simbólico das inquietações sociológicas que as pesquisadoras compartilham, interessando-lhes compreender a cidade a partir de outras lentes de observação que não as tradicionalmente utilizadas, isto é, aquelas que focalizam o poder, os políticos e os gestores públicos. O interesse em questão está sobre personagens que experimentam cotidianamente a cidade a partir do exercício profissional da atividade sexual oferecida aos clientes na Avenida W3 Norte, localizada na Asa Norte, bairro de classe média da cidade e localizada a 5 quilômetros do centro político do país.

O texto aqui apresentado beneficia-se de parte da discussão desenvolvida em dissertação de mestrado em sociologia¹ e objetiva explorar achados etnográficos sobre as experimentações urbanas das prostitutas na Avenida W3, que ajudam a pensar a forma como (re)constróem a cidade, tanto em termos urbanísticos quanto simbólicos. Os dados empíricos coletados permitem o diálogo com a noção foucaultina de *dispositivo* que será aqui trabalhado de modo a apresentar, ao final, algumas *notas para o dispositivo espacial da prostituição feminina na W3 Norte*, em Brasília.

De modo breve, podemos observar que o termo *dispositivo*² foi adotado por Foucault em uma fase mais madura de suas obras para possibilitar uma introdução à análise do poder, visto não apenas como um aspecto objetivo, formal, ou seja, um “conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado determinado”, ou como um “modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma de regra”, que são tão somente suas “formas terminais”. Mas sobretudo, o poder como “a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais”. (FOUCAULT, 1998, p. 88-89).

As obras de Foucault tiveram períodos distintos: a arqueologia, fase inicial, na qual se dedicou ao estudo do que chamou de *episteme*³; e a genealogia, fase posterior, na qual desenvolveu o conceito de *dispositivo* definido pelo próprio autor em uma entrevista:

isso que eu tento identificar sob este nome (isto é, dispositivo) é (...) primeiramente, um conjunto de elementos heterogêneos, composto por discursos, por instituições, por arranjos de arquitetura, por decisões regulamentares, por leis, por medidas administrativas, por enunciados científicos, por proposições filosóficas, morais, filantrópicas, enfim: daquilo que é dito bem como do que não é dito, são os elementos do dispositivo. O dispositivo, por si só, é o resultado que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT *apud* RAFFNSOE, 2008).

A ideia de dispositivo, portanto, é um poderoso aparato para o estudo de categorias, ao incluir elementos de várias naturezas, normativos, subjetivos, objetivos, temporais, espaciais, discursivos e não discursivos, todos emaranhados entre si, em uma teia de relações, determinando-se e influenciando-se em torno de uma função estratégica.

Essa possibilidade de uma constante articulação entre vários elementos que formam uma rede, um emaranhado de forças que se auto influenciam, de forma dinâmica, criativa e auto reprodutiva confere uma plasticidade ao conceito de dispositivo que é ideal para trabalhar os vários elementos capazes de desvelar as relações entre a prostituição⁴ e a apropriação do espaço público, exploradas nesta comunicação.

Em síntese, podemos pensar que: 1) A ideia de dispositivo implica em pensar uma rede de relações heterogêneas, com elementos objetivos e subjetivos a serem analisados; 2) o dispositivo é o resultante de todas as forças atuantes, ou melhor, é a própria interação entre elas; 3) o dispositivo tem funções estratégicas e de controle, manifestadas em sua capacidade confirmativa, ou seja, de reforçar comportamentos esperados, e em sua capacidade criativa, ao inovar em condutas; 4) a ideia de dispositivo remete à descontinuidade, a conceitos e significantes fluídos, específicos e localizados no espaço e tempo, e sempre aberto para a influência de elementos externos.

Dessa forma, o estudo que fizemos sobre a atividade da prostituição feminina de rua em Brasília levou em conta a ideia de dispositivo, pois é um fenômeno complexo, com muitas variantes, elementos e forças que se auto influenciam, envoltos também em uma estratégia de saber e de poder.

Em termos metodológicos, a pesquisa, além de basear-se em revisão bibliográfica, contou com levantamento documental e trabalho de campo sistemático realizado entre 2015 e 2016. Foram feitas observações do espaço urbano na avenida W3 Norte em diferentes dias e horários, e recuperadas notícias de jornal sobre a prostituição no contexto indicado. Também foram realizadas entrevistas com prostitutas que atuavam na localidade pesquisada, com clientes do serviço, um publicitário da atividade de prostituição, e com policiais militares e policiais civis responsáveis pela segurança da área⁵.

Mas e o exercício da prostituição, como defini-la jurídica e socialmente? Juridicamente, prostituição é a atividade sexual realizada por um indivíduo, maior de 18 anos e capaz, de forma habitual, com número indistinto de parceiros, mediante pagamento em valores monetários ou outros bens. O sexo na vida do indivíduo é atividade profissional e não simplesmente prazer (NUCCI, 2009). Ainda em nível legal, a atividade de prostituição em si não é proibida, a qualquer título, pelo ordenamento jurídico brasileiro, muito menos considerada como crime.

Ao mesmo tempo, a prostituição é considerada um desvio das condutas padronizadas, e é estigmatizada no meio social (GOFFMAN, 1988; BECKER, 2008), onde seu exercício como atividade profissional não é estritamente regulado, de modo que esses profissionais vivem à margem da sociedade e do mercado de trabalho formal.

Por viverem à margem da sociedade, o próprio ambiente urbano destinado à prostituição de rua é menos valorizado, desprovido, em muitos lugares, de maiores equipamentos urbanos, e, no imaginário social, é tido como abjeto e escuro. Nos espaços segregados destinados à prostituição é possível pensar em um ambiente com regras próprias, com uma subcultura vista como clandestina. Em razão da existência desse ambiente peculiar e pela sua conduta social tida, muitas vezes, como desviante, uma parte significativa dessas prostitutas⁶ são tratadas, pelas agências do Sistema de Justiça Penal, como “criminosas/criminosos”, sem sequer terem cometido qualquer conduta tipificada pelo Direito como uma infração penal. Nesse momento, as noções de “marginalidade” social e jurídica se aproximam de maneira preocupante e podem comprometer os direitos de cidadania e a própria dignidade das envolvidas.

Passemos a explorar a seguir a análise da prostituição de rua na avenida W3 Norte com ênfase no espaço urbano onde ela se desenvolve, em especial buscando compreender a composição simbólica e espacial desta avenida, além de explorar as narrativas dos sujeitos envolvidos na atividade de prostituição neste contexto.

Rodando bolsinha na cidade sem esquinas

A representação social da prostituição de rua remete à ideia do *faire du troittor*, expressão em francês que, no Brasil, significa ficar na calçada, na esquina, à espera de clientes. Falar de

prostituição de rua em Brasília, em princípio nos leva a um paradoxo: como “rodar bolsinha na cidade sem esquinas”?

Para responder essa questão, foi necessário um exercício de estranhamento na cidade, a fim de tentar perceber elementos do espaço urbano estranhos às nossas rotinas cognitivas. Para tanto, utilizamos o método da *observação flutuante*, desenvolvido pela antropóloga Colette Pétonnet, que consiste na postura do(a) pesquisador(a) em “permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la ‘flutuar’ de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem *a priori*, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes” (PÉTONNET, 2008, p. 102).

Assentado esse ponto, observa-se que, além de centro de poder e símbolo da modernidade arquitetônica, uma recorrente representação social atribuída a Brasília é ser ela uma “cidade sem esquinas”⁷. Apesar de essa afirmação depender de opinião de cada habitante ou visitante, o fato é que suas ruas largas e amplas, entrecortadas por muitas rotatórias, a prevalência de carros em detrimento de pessoas e a distância entres os mobiliários urbanos, levam a confirmar essa impressão de ausência de esquinas⁸ e do contato humano normalmente associado a esses locais. Tal característica influencia diretamente na dinâmica das relações sociais e, principalmente, na prostituição de rua conforme se verá adiante.

Brasília é uma cidade planejada, resultado da concretização da mudança da Capital Federal do Rio de Janeiro, prevista desde a Constituição Federal de 1891. Contudo, apenas em 1957 o projeto de Lúcio Costa venceu o concurso de urbanismo para a construção de Brasília. Seu projeto foi influenciado pelas ideias modernistas tanto da arquitetura quanto do urbanismo que, na época, tinha como seu expoente o arquiteto francês Le Corbusier⁹, cujas principais ideias foram condensadas na Carta de Atenas¹⁰, que tinha por pressuposto básico que a cidade deveria ter quatro funções básicas: habitar, trabalhar, circular e cultivar o corpo e o espírito.

A construção da nova Capital teve vários objetivos econômicos, políticos e também sociais (CORBUSIER, 1960), mas o que interessa aqui é observar como foram reproduzidas as representações sociais relacionadas à prostituição na nova cidade, ou seja, o estudo da Geografia das Sexualidades¹¹, um campo de estudo que, segundo Teixeira (2013, p. 21), “colocaria as sexualidades como produto e produtoras do espaço urbano, cartografando seus territórios e práticas”.

Teixeira afirma que o primeiro presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), Israel Pinheiro, teria dito, em um debate sobre a implantação da Universidade de Brasília dentro do Plano Piloto, que “Brasília deve ser uma pacata cidade administrativa, sem a presença incômoda de estudantes e operários” (TEIXEIRA, 2013, p. 7). A afirmação parece que previra a conflituosa relação entre o cenário urbano brasiliense e o que Teixeira chamou de corpos dissidentes, como os homossexuais, travestis e prostitutas¹², embora eles não tenham sido mencionados expressamente.

A ideologia modernista de limpeza de linhas e organização pareceu ser bastante adequada para os vários propósitos da mudança da capital do Rio de Janeiro para Brasília. Entre eles, encontrava-se a preocupação com a moral social do país. O filósofo e político brasileiro, que foi deputado estadual e federal, no Rio de Janeiro, na época da transferência da capital, Roland Corbisier disse que “a mudança seria benéfica por destruir um suposto ressentimento das capitais provinciais com o Rio de Janeiro, por ser esta uma cidade de vício, de prazer, afrodisíaca, local de descaminho e veneno para os desprevenidos” (TEIXEIRA, 2013, p. 74).

Ao olhar Brasília de hoje, segundo os dados oficiais, a capital planejada tem uma população estimada de mais de 3 milhões de habitantes¹³ e um pouco mais de 220.000 habitantes no Plano Piloto, uma das regiões administrativas do Distrito Federal, que abarca a zona central de Brasília¹⁴, onde se localiza a Avenida W3 Norte, lócus empírico de nossa presente pesquisa.

A cidade é dividida seguindo basicamente as coordenadas geográficas. A avenida W3 refere-se ao ponto cardeal Oeste n. 3, e é uma das vias arteriais que liga o extremo sul ao extremo norte do Plano Piloto. Nesse contexto, a avenida W3 assume extrema importância para a cidade por ser uma via ininterrupta onde, conforme o plano original, concentrar-se-iam lojas, hospitais, oficinas, escolas, academias e alguns prédios públicos. Contudo, com a introdução do conceito de shoppings e centros comerciais, a importância da avenida W3, como a *cardus maximus*¹⁵ da

cidade, diminuiu significativamente, apresentando, em alguns pontos, claros traços de decadência.

A extensão da avenida W3 desde o extremo sul ao norte é de 24 quilômetros, os quais são divididos em três áreas, a W3 Sul, a região central e a W3 Norte. Apesar de integrarem a mesma avenida, é possível notar claramente as diferenças entre elas, tanto espaciais, quanto simbólicas, que afetam diretamente os tipos de relações sociais nelas desenvolvidas. A região central refere-se ao cruzamento das partes norte e sul e forma um eixo de onde se inicia a contagem das quadras de 1 a 16, na direção sul e também na direção norte, conhecidas como Asas. Assim, é possível dizer que existe a Quadra 7 da Asa Sul ou a 7 da Asa Norte. Às quadras¹⁶ tanto da Asa Sul, quanto da Asa Norte, conjugam-se os números 500 ou 700 (variando de 502¹⁷ a 516 norte ou sul ou 702 a 716 norte ou sul), numeração decorrente da classificação das coordenadas longitudinais da cidade.

Tendo-se como referência a região central e caminhando-se para a Asa Sul, tem-se à esquerda da W3 Sul (nas quadras 502 a 516), as lojas, bancos, igrejas, centros comerciais. Já à direita (nas quadras 702 a 716 sul), estão localizadas casas cujos moradores pertencem à classe média e média alta da cidade. Por sua vez, caminhando-se para a Asa Norte, a partir da região central, na parte direita (quadras 502 a 516) localizam-se postos de gasolina, concessionárias de veículos, lanchonetes rápidas, na parte inicial, e já na parte do meio para o final, alguns prédios públicos e de escritórios. Na parte esquerda (quadras 702 a 716), ao longo de toda a W3 Norte, têm-se edifícios de dois pavimentos, cujos térreos são ocupados por lojas de todos os tipos, oficinas, escolas de línguas, cursos preparatórios, igrejas, e os primeiros pisos destinados à moradia, especialmente quitinetes.

A avenida W3 caracteriza-se por ser ampla, com seis faixas para a passagem de carros, três para cada direção, mas, comparativamente, poucas passagens para pedestres, mesmo porque o transporte público em Brasília é precário e o metrô não atende essa região.

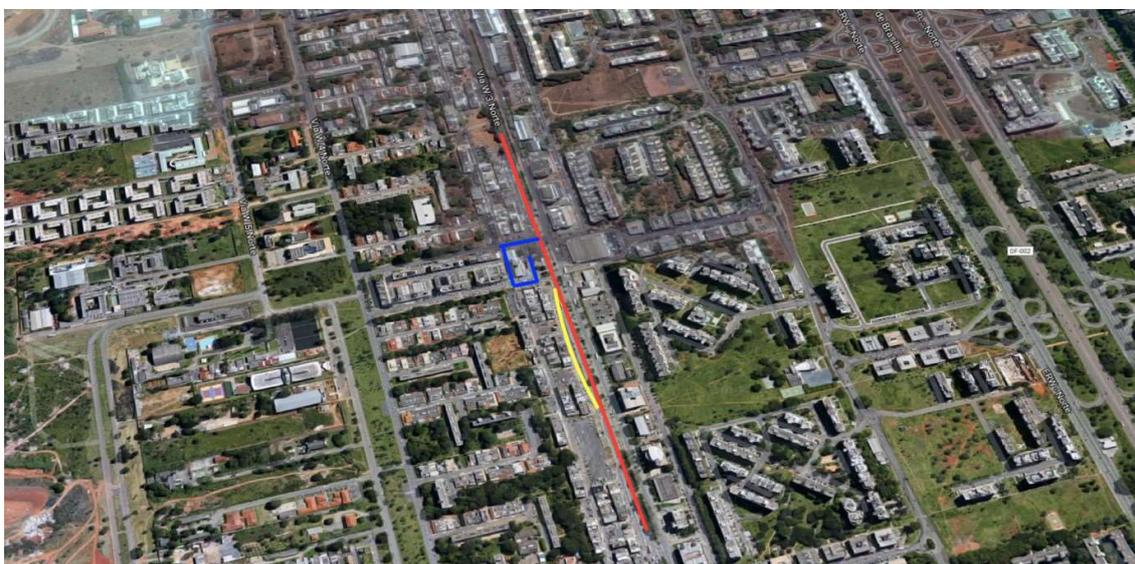


Figura 1– Foto aérea da região da W3 Norte.

Fonte: *Google Maps*.

Nota: A grande linha vermelha ressalta a Avenida W3 Norte. A linha amarela indica o trajeto dentro de um dos estacionamentos da avenida. A linha azul demarca o caminho azul necessário para um veículo percorrer para ter acesso ao estacionamento entrequadras.

Imediatamente paralela à W3 Norte, logo atrás das quadras 702 a 716, localiza-se outra avenida arterial, a W4, que possui dois sentidos para o tráfego e é caracterizada por menor luminosidade e evidência. Lá situam-se mais apartamentos com metragens muito menores do que aqueles das quadras 100, 300 e 200. Vários são quitinetes.

Como um espelho, atrás das quadras 502 a 516, tanto no lado sul quanto no norte, está a avenida arterial W2, mas ao invés de quitinetes, não há construções, mas áreas verdes para dar início às quadras residenciais conhecidas como Superquadras, habitadas também pela classe média e média alta. A luminosidade também é menor, comparada à avenida W3.

A apropriação do espaço pela prostituição de rua teria começado na década de 90, quando um casal de coreanos abriu a boate *Queens*, no comércio da CLN 314¹⁸ ¹⁹. Em seguida, em razão do intenso movimento do estabelecimento, a prostituição feminina foi favorecida e centenas de garotas de programa foram atraídas para o local, oportunidade em que elas começaram a alugar pequenos quartos na vizinhança, para a prestação do serviço sexual (TEIXEIRA, 2013, p. 111).

Contudo, mesmo com o fechamento da boate *Queens*, as quadras 314 e 714 Norte, ficaram conhecidas na cidade como ponto de prostituição de rua, o que causou intenso pânico moral por parte dos moradores da região, responsáveis por várias campanhas e manifestações para expulsar as prostitutas do local²⁰. Inclusive, colocaram em via pública faixas com dizeres como “Nós, moradores da 713 Norte, pedimos socorro urgente às autoridades. Garotas de programa invadem nossas residências. Hoje, elas usam nossas marquises como motéis. Amanhã, elas nos expulsam de nossas casas e usam nossas camas” ²¹, foram espalhadas pelas quadras próximas à região, conclamando uma ação pública contra a prostituição.

Em razão da intensa pressão dos moradores e comerciantes locais, as quadras 314, 315, 714 e 715 não são mais referência na prostituição na Asa Norte, havendo um movimento de expansão para toda a avenida W3 Norte. Esse movimento foi verificado tanto nas observações no local, como pelas análises das ocorrências policiais que foram tratadas no estudo completo e, também, pela pesquisa de Gustavo Capela (2013) sobre a prostituição na W3 Norte:

Ao chegar na 315, não encontrei nenhuma prostituta. Fui perguntar a alguns amigos meus que tinham mais contato com a prostituição e eles me revelaram que houve uma mudança. Agora toda a W3 Norte tinha prostitutas. Uma das prostitutas com quem mais conversei nesses dois anos de pesquisa uma vez me disse que a razão da saída da 15 foi, além do crescimento do número de prostitutas que queriam oferecer serviço no ponto, devido à presença excessiva da polícia. Os policiais começaram a abordar os clientes que ali passavam para averiguar se estavam portando drogas. (...) Com essa realidade em mente, segundo as prostitutas, a polícia passou a enxergar a 315 como polo de comércio de drogas, investigando carros que ali passavam procurando serviços sexuais. A polícia, além de abordar clientes, também passou a abordar com mais frequência as próprias prostitutas. O negócio diminuiu, pois, como diziam na pista: ‘nenhum homem quer se parado na 15 pela polícia para ter que sair do carro e todo mundo ver (CAPELA, 2013, p. 131-132).

Como se observa, as mesmas estratégias de segregacionismo da prostituição urbana repetem-se até os dias atuais. Afinal, demarcar um espaço onde determinado tipo de pessoa não pode estar é também uma forma de segregação. As relações sociais influenciam diretamente a configuração e a apropriação do espaço urbano. E a atual disposição da prostituição na avenida W3 Norte é o que se verá a seguir.

A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO E A DINÂMICA DA PROSTITUIÇÃO NA W3 NORTE

Além das ideias do método da observação flutuante de Colette Pétonnet, utilizamos como chaves de leitura a metodologia proposta por Magnani, referente à noção de pedaço, manchas, circuito ou trajeto.

Para o autor, a ideia de *pedaço* tem um viés subjetivo do personagem, referindo-se a uma rede de relações ou a uma sociabilidade estabelecida em torno de um ponto de referência físico ou simbólico. Em suas próprias palavras, tem-se o espaço como “um segmento – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações” (MAGNANI, 1996, p. 13). O ponto de prostituição, por

exemplo, poderia ser enquadrado na ideia de pedaço, o local onde uma prostituta exerce sua atividade, delimitando seu espaço em detrimento de outra.

Mancha, por sua vez, já possui um sentido mais objetivo, ou seja, vinculado ao território físico, sendo “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade prática dominante” (MAGNANI, 1996, p. 19).

Trajeto ou *Circuito* refere-se à noção de movimento, um deslocamento entre pedaços, ou seja, entre redes de sociabilidades estáveis, ou até mesmo entre manchas, seriam caminhos que ligam áreas descontínuas (MAGNANI, 1996, p. 21).

Ainda como guia da observação trabalhamos a noção de *Região Moral*, desenvolvida por Robert Park, que se refere à ideia de segregação espacial na cidade conforme os gostos e temperamentos da população.

Ademais, seguindo ainda a orientação de Magnani (1996, p. 17), foi construído um *Roteiro* ou *Script* capaz de dirigir e organizar as observações em campo. Contudo, tendo também como inspiração o método da observação flutuante, uma preocupação em campo era estar atenta ao inusitado, mas sempre com atenção para captar o reiterativo, o padrão, as regras, os modos de ser.

Ficou evidente a necessidade de se observar a atividade de prostituição de rua em dias e horários diferentes, tempo de duração em campo igualmente distintos, uns dias mais longos, outros de observações mais rápidas. Idas a pé, de carro, de bicicleta e também de motocicleta. Às vezes, com a pesquisadora completamente só em campo, outras com amigos para ter olhares auxiliares e compartilhar as impressões. A observação considerou, portanto, o tempo-espaço em movimento. Considerou ainda que a roupa em que se vai ao campo também influencia. As idas a pé eram marcadas por roupas discretas, calça jeans e camiseta, sempre com o cuidado de usar roupas que não criassem qualquer ideia de concorrência com as prostitutas. Entretanto, ao longo do campo, foi possível perceber que a roupa fazia diferença sim. Usando roupas mais simples, elas não davam muito atenção à pesquisadora, mas quando estava mais arrumada (calça preta, sapato alto, jaqueta de couro) a atenção dispensada pelas prostitutas era maior, resultando em interações mais duradouras.

Antes de conversar com os personagens da ação, uma primeira aproximação com a dinâmica da atividade de prostituição fez-se necessária, tomando como referência os elementos de observação que possuía e também dos dados sobre a criminalidade relacionada a esta atividade, obtidos em pesquisas anteriores²². A partir dessas observações preliminares, foi possível perceber melhor a dinâmica da atividade e, ao conversar com os personagens, surgiam novos elementos para a discussão.

Como dito acima, a W3 Norte foi percorrida em diversos horários e dias, de manhã, ao entardecer, de noite e de madrugada, em dias úteis e fins de semana. Em cada momento, a avenida apresenta uma feição diferente. Mas o maior contraste encontrado foi entre o dia e a noite. Mostrou-se também relevante a diferença que existe nela nos dias úteis e no fim de semana, especialmente na vida diurna da avenida.

Tanto durante os finais de semana quanto nos dias úteis durante o dia, não foi observada atividade de prostituição na avenida W3 Norte.

Durante a semana, a W3 Norte é bastante movimentada de dia, com comércio de rua intenso. Observam-se lojas de colchões e de pequenos presentes, cursos de línguas e de artes marciais, escritórios de contabilidade e restaurantes. As lojas comerciais mencionadas ficam nas quadras 700, um lado da avenida W3, de sentido de tráfego norte/sul, e o outro lado, cujo sentido de tráfego é sul/norte, ficam vários prédios públicos, como bancos, agências reguladoras, autarquias, e também o Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região, responsáveis por garantir o intenso movimento na avenida durante o dia e alimentar o comércio de restaurantes, bares, papelarias e lanchonetes.

Por sua vez, a avenida W4, que fica atrás da W3, é muito viva durante o dia, cheia de lojas de prestação de serviços, escritórios de advocacia, engenharia, oficinas mecânicas, colégios, lojas de “conserta tudo”, que vendem peças, igrejas evangélicas, lojinhas de presentes, de móveis usados. Há poucos supermercados, ou quase nenhum, mesmo porque os grandes mercados situam-se nas entrequadras das superquadras 300/100, do lado oposto da W3 Norte, onde há mais moradores com maior poder aquisitivo. Na avenida W4 também não há boutiques ou lojas de grifes famosas,

porque o clima é de cidade interiorana, não havendo circulação da mesma clientela dos grandes shoppings. Um comércio típico de uma cidade normal, cenário muito diferente da racionalidade e modernismo do plano original imaginado para Brasília, onde tudo teria seu lugar certo e exato.

Em uma manhã de domingo, quando há luz do dia, mas não muita circulação de pessoas e de carros na avenida W3 Norte, é possível observar melhor a arquitetura do local. São 15 quadras, denominadas de Comércio Residencial Norte (CRN), com prédios comerciais de dois andares, cujo térreo contém o comércio e a sobreloja, apartamentos ou quitinetes para alugar. Cada quadra tem entre 10 a 14 prédios nesse modelo. Atrás desses prédios há uma pequena viela ou beco que faz fronteira com o lote também comercial que dá acesso à via W4 Norte, outra via arterial, com velocidade menor e por isso com menos carros que a W3.

A luz do dia ilumina também os rastros que a noite deixou para trás. Em um desses domingos pela manhã, caminhando pela W4 Norte, na altura da quadra 704 Norte, foi possível observar com clareza três pousadas, nas quais já sabia que, durante a noite, era desenvolvida uma intensa atividade de prostituição. Havia em cima da marquise desse local um quarto onde várias mulheres conversavam. Possivelmente ali era um ponto de prostituição noturna. Mas, naquele momento, não havia qualquer atividade de prostituição nesse espaço público.

Logo ao lado desse local, havia uma porta que dava acesso aos apartamentos. Na porta havia uma placa feita de cartolina vermelha, plastificada, escrito “Casa de família” (Figura 2). Uma clara tentativa do morador de separar ao menos aquela residência do ambiente de prostituição que o cerca. Às vezes são sutis as formas como uma atividade se apropria do espaço onde é exercida.



Figura 2 – Porta casa de família.

Fonte: SILVA (2016).

Entre as quadras, há um espaço grande, conhecida como área verde, onde ficam as paradas de ônibus, quiosques de lanches e bancas de jornal. Nesse espaço da área verde, não há estacionamentos e nem circulação de carros. Há espaço para estacionamentos apenas em frente aos comércios da W3 Norte, e o sentido de deslocamento dos carros é decrescente, ou seja, das quadras 516/716 para as quadras 502/702, norte/sul, em harmonia com o sentido da via arterial de carros. Apenas depois de muitas idas ao campo e também conversando com as prostitutas, foi possível perceber a relação desses estacionamentos com a apropriação do espaço da W3 Norte pela prostituição.

O clique do relógio para a mudança do ambiente da W3 Norte dá-se entre 18h00 e 19h00. É o horário em que as lojas começam a encerrar suas atividades, os cursinhos preparatórios mudam do turno vespertino para o noturno, as paradas de ônibus estão lotadas de trabalhadores indo para casa, e as ruas repletas de carros e de um tráfego intenso em direção às chamadas cidades-satélites que funcionam como cidades pendulares em relação a Brasília.

Aos poucos, a intensa movimentação diurna da avenida W3 Norte dá espaço para a iluminação pública amarelada e pouca circulação de pessoas. Surgem áreas de penumbra da interação entre os prédios e a iluminação pública. Ao contrário do cenário diurno de vários restaurantes, durante a noite, há apenas três em funcionamento.

Por volta das 18h30, nos dias úteis, uma ou outra prostituta aparece timidamente e fica entre os carros parados nos estacionamentos dos comércios. O primeiro lugar onde elas apareceram foi, quase sempre, a 704 norte, onde há uma maior concentração de pousadas, locais frequentemente utilizados para a realização de programas. Todavia, independentemente do dia da semana, pode-se dizer que: 1) a atividade de prostituição é exercida, pelo menos ao longo da W3 Norte, em sua grande maioria por mulheres; 2) tal atividade concentra-se apenas na avenida W3 Norte, entre as quadras 702 até a 716 norte, ou seja, apenas na parte de cima da avenida.

Quanto à primeira observação, cabe ressaltar que a grande maioria da atividade de prostituição é exercida por mulheres. Com efeito, não seria a grande maioria, mas toda a atividade de prostituição, porque a aparência de todas as prostitutas da avenida W3 assume a forma ou o fenótipo feminino. Em momento algum da observação, foram observadas pessoas com o fenótipo de homens oferecendo serviços de prostituição. Sem dúvida, há várias travestis ao longo da W3 Norte, mas todas adotam a forma feminina e, inclusive, a própria pesquisadora confundiu-se ao identificar o gênero dos (as) entrevistados(as) por três vezes, só sabendo que se tratava de mulher-travesti ao longo da conversa. Foi exatamente por esse motivo que este trabalho examina as prostitutas como um gênero feminino e não em seu aspecto biológico, sexo de nascimento.

A segunda observação, referente à verificação da concentração das prostitutas apenas nas quadras 702 até a 716 Norte, o que levou ao seguinte questionamento: ora, porque elas não ficam também do outro lado da avenida W3, nas quadras 500? As dúvidas nesse campo eram as mesmas de Clarice Lispector, que em seu famoso texto “Brasília: Esplendor”, questionou: “Agora me pergunto: se não há esquinas, onde ficam as prostitutas de pé fumando? Ficam sentadas no chão? E os mendigos? Tem carro? Pois só se pode andar de carro lá”²³.

A resposta para Clarice e para nossa pesquisa só veio com mais observações. Na “cidade dos carros”, como Clarice tinha observado, a prostituição só poderia ocorrer com ajuda dos estacionamentos. E é exatamente por isso, que o espaço físico da avenida W3 Norte favoreceu a apropriação do local para a prostituição²⁴ na parte de cima, onde o sentido do tráfego é de norte para o sul. Assim, as prostitutas ficam, cada uma em seu espaço ou ponto, delimitado, como se em uma vitrine a céu aberto, onde os clientes, em sua grande maioria, motorizados, podem se aproximar e negociar o programa rapidamente, guardando seu anonimato sem sequer sair do veículo. Além disso, a facilidade do veículo garante a maior possibilidade de escolha entre as prostitutas, durante o longo trajeto de mais de dez quilômetros da via W3 Norte. Ele pode rapidamente observar e conversar com várias prostitutas até escolher uma.

Inicialmente houve certa perplexidade da pesquisadora com o fato de as prostitutas não ocuparem os grandes espaços entre as quadras comerciais, onde se situam os prédios com mais de dois andares das quadras 700. Há um dado interessante a ser aqui sinalizado: ao observar o movimento dos carros que cruzam a avenida W3 Norte é possível constatar que eles circulam como se estivessem olhando vitrines à escolha das prostitutas; nesse caso, os motoristas nunca entram nesses estacionamentos das entrequadras, pois o sentido do trânsito, nesses bolsões, é inverso ao da via W3 Norte, o que impediria o fluxo. O motorista que segue a sequência das vitrines na avenida teria que dar uma grande volta, ou conduzir o seu veículo na contramão para ter acesso a esses estacionamentos. Tal dificuldade torna esses locais pouco atrativos para os clientes, que têm acesso muito mais fácil aos estacionamentos das quadras comerciais ao longo da W3 Norte. Assim, esses locais não se apresentam como vitrines chamativas.

Ademais, as paradas de ônibus da W3 Norte situam-se nesses bolsões de estacionamento das entrequadras. Elas, ao contrário, não impedem o fluxo de veículo, mesmo porque são pontos de embarque e desembarque de passageiros de ônibus. Contudo, elas não são muito ocupadas por

prostitutas, pelo menos antes das 23h30, pois, segundo as prostitutas entrevistadas, elas disseram que preferem não incomodar as pessoas das paradas de ônibus com sua presença e também elas próprias não se sentem confortáveis, mesmo porque a abordagem dos clientes fica dificultada. Afinal, o anonimato é importante para os dois polos dessa relação. Contudo, depois de 1h00 da madrugada, quando cessa a passagem de ônibus, é possível encontrar prostitutas nas paradas.

Além disso, outra circunstância favorável à prostituição na W3 Norte é a facilidade de mobilidade para os clientes que, mesmo a pé, podem utilizar os serviços sexuais de maneira rápida e furtiva, logo ao saírem do trabalho ou mesmo antes de lá chegarem, mesmo que muito cedo, como contou uma das entrevistadas. Segundo ela, como o programa é rápido, cerca de vinte minutos, durante a semana esse tempo é facilmente justificado como excesso de trânsito para a família que os aguarda em casa.

Dessa forma, essa localização da prostituição em um espaço ou apenas uma área da avenida W3 Norte remete à chave de leitura referente à *Região Moral*, proposta por Robert Park, que é a segregação da população no espaço urbano conforme seus interesses, gostos e temperamentos, ou mesmo um ponto de encontro ou reunião. Essa sugestão de leitura dos setores da cidade, aliás, adequa-se bastante ao próprio território de Brasília, uma cidade planejada, dividida em setores tanto fisicamente quanto simbolicamente. Há quadras destinadas ao comércio em geral, mas há também aquelas que se especializaram em um determinado tipo de venda como, por exemplo, as chamadas Rua das Farmácias, a Rua das Elétricas, a Rua dos Computadores. De igual maneira, assim também ocorreu em considerar-se a avenida W3 Norte, a partir das quadras 702 a 715, uma região da prostituição noturna.

Brasília atende muito bem à crítica de Jane Jacobs²⁵ sobre os modernistas ortodoxos (como Le Corbusier, Mumford e Bauer) que diziam que “a rua é um lugar ruim para os seres humanos; as casas devem estar afastadas dela e voltadas para dentro, para uma área verde cercada. (...) A unidade básica do traçado urbano não é a rua, mas a quadra, mais particularmente, a superquadra. (...) A presença de um número maior de pessoas é, na melhor das hipóteses, um mal necessário, o bom planejamento urbano deve almejar pelo menos a ilusão de isolamento e privacidade, como num subúrbio” (JACOBS, 2000, p. 20).

Todavia, “as cidades são locais fantasticamente dinâmicos” (JACOBS, 2000, p. 13), talvez porque elas sejam constituídas de seres complexos, criativos e também muito dinâmicos. Assim, ao contrário dos planos dos idealizadores de Brasília, em criar uma cidade longe dos prazeres urbanos, aquela imaginada deu lugar à cidade real. Antes a cidade foi criada para afastar o uso sexual das áreas públicas (TEIXEIRA, 2013, p. 8), mas agora *ostenta a prostituição de rua debaixo de sua asa*, na Asa Norte, uma das “asas” do avião, no “Plano Piloto”. A tripulação do avião de Lúcio Costa assumiu o comando e deu outra direção à viagem do urbanista. Anos depois, ele mesmo reconheceu que a cidade deve ser dos habitantes:

Isto tudo é muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita. Mas não é. Quem tomou conta dele foram esses brasileiros verdadeiros que construíram a cidade e estão ali legitimamente. Só o Brasil... E eu fiquei orgulhoso disso, fiquei satisfeito. É isto. Eles tomaram conta daquilo que não foi concebido para eles. Foi uma bastilha. Então eu vi que Brasília tem raízes brasileiras, reais, não é uma flor de estufa como poderia ser, Brasília está funcionando e vai funcionar cada vez mais. Na verdade, o sonho foi menor do que a realidade. A realidade foi maior, mais bela. Eu fiquei satisfeito, me senti orgulhoso de ter contribuído. (COSTA, 1991, p. 5).

O espaço público, esse “lugar de visibilidade, espaços onde são desenvolvidas sociabilidade particular, a inserção e a integração” (CALDEIRA, 2000, p. 26), mostra-se ideal como palco e vitrine para as “mulheres públicas”, como eram conhecidas as prostitutas no Brasil, nos séculos XIX e XX (RAGO, 1991, p. 20). Modelos nas ruas da cidade, pode-se dizer que as prostitutas exercem uma dupla performance, ao assumirem seus personagens, “dramatizam o trabalho sexual, onde simulam atos sexuais em passarelas-*trottoir*” e também “dessacralizam” a sua atividade, de

forma a considerá-lo um trabalho como qualquer outro (SIMÕES, 2016). Assim, a performance da prostituição nas passarelas da avenida W3 Norte, longe de se esconder nas “asas do avião”, convida os espectadores a “abrirem suas asas e soltarem suas feras”. E, por que não, “cair na gandaia”?

A partir da observação, também foi verificado que a dinâmica da atividade de prostituição é realizada da seguinte maneira: as prostitutas ficam em espaços delimitados, sozinhas ou em pequenos grupos, com roupas curtas, sapatos ou botas de salto, maquiadas, exibindo seus corpos, às vezes apoiadas nos carros estacionados em frente às quadras 700, ou sentadas nas calçadas, debaixo das marquises dos prédios comerciais que funcionam durante o dia. Os clientes, em sua grande maioria, passam por ali de carro, escolhem a pessoa para o programa, momento em que a prostituta entra no carro juntamente com ele.

Às vezes, o programa era realizado fora da avenida W3, em motéis – observação confirmada pelas entrevistas, ou ainda no próprio ambiente da prostituta, quitinetes alugadas por elas nas sobrelojas das quadras 700 ou ainda nos edifícios localizados na avenida W4 Norte, que ficam logo atrás da avenida W3 Norte. Aliás, é a partir da projeção desses “ambientes”, que se delimita o ponto de cada uma delas.

Assim, tem-se delineada a chave de leitura referente ao *pedaço*, que estabelece uma rede de sociabilidade tanto entre as demais prostitutas, no sentido de criar-se uma limitação espacial ao ponto de cada uma, quanto também um ponto de referência aos clientes fiéis ao serviço. Seria como se aquele espaço ou *pedaço*, apesar de ser público e não haver qualquer título de propriedade, pertencesse-lhes, ao menos no período noturno.

A distribuição das garotas de programa ao longo da avenida W3 Norte não se dá de forma homogênea, de modo que foi possível identificar duas *manchas* principais. *Mancha* é uma categoria desenvolvida por Magnani para designar “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou completando – uma atividade ou prática dominante”. (MAGNANI, 1996, p. 19).

Foi possível observar que há maior concentração das garotas de programa nas quadras 703 e 704 e nas quadras 707 e 708, talvez porque logo atrás dos pontos de prostituição dessas quadras também havia pousadas, duas no caso das quadras 707 e 708 norte, e três nas quadras 703 e 704, as quais ficavam abertas, com as luzes acesas até a madrugada. Além das quitinetes, alugadas pelas próprias prostitutas, os programas também são realizados nessas pousadas.

Em um dia movimentado, que costuma ser quarta ou quinta-feira, há mais de 70 garotas de programa nas passarelas da W3 Norte. Nos finais de semana e feriados, ao contrário do que se imaginava inicialmente, o movimento cai drasticamente, e houve dias na observação, como em um domingo à noite, em que a cidade estava deserta. Os motivos por trás dessas observações surgiram apenas quando as conversas com as garotas de programa se intensificaram; elas diziam que durante a semana é mais fácil para os clientes justificarem sua ausência com a família, alegando excesso de tráfego ou atraso no trabalho, por exemplo. Nos finais de semana, as desculpas são mais difíceis. Contudo, as prostitutas “adaptaram-se à demanda do mercado” e utilizam também os finais de semana para ficarem com seus filhos ou mesmo ir para as cidades onde moram, pois grande parte delas vivem em cidades do Entorno de Brasília²⁶.

NOTAS PARA UM DISPOSITIVO ESPACIAL DA PROSTITUIÇÃO NA AVENIDA W3 NORTE

A partir das observações realizadas na avenida W3 Norte é possível desenhar algumas notas sobre um dispositivo para a prostituição nesse espaço urbano de Brasília. Primeiramente, vimos que a objetivação das relações sociais no espaço urbano intensificou ainda mais a prostituição. Os “ares da cidade”, além de liberdade, proporcionaram o anonimato e também a profissionalização das relações sociais. Mesmo com a oposição de grande parte das narrativas morais, médicas, jurídicas, observou-se que a atividade de prostituição ganhou, no contexto assinalado, outra narrativa, aquela que a cogita como um trabalho, quantificado, qualificado e remunerado, como qualquer outra prestação de serviço liberal.

Além disso, temos que, segundo Grosz, a ideia de que ao corpo humano pode ser perfeitamente aplicado o conceito de cidade, entendido corpo humano aqui como um “processo político, lugar de inscrições, produções ou constituições sociais, políticas, culturais e geográficas” (GROSZ,

2000, p. 84). Esse corpo urbano é habitado por esses corpos humanos, como uma inter-relação ecossistêmica, de modo que “a cidade é feita e transformada em um simulacro do corpo e o corpo em reverso é ‘citificado’, urbanizado como um corpo distintamente metropolitano”. (GROSZ, 1990, p. 242).

Assim, essa interação entre corpos femininos e corpos urbanos, com a respectiva “citificação” dos corpos, como disse Grosz, contribui para que a atividade de prostituição passe a ser vista como um trabalho, objetivo, profissional, quantificável e convertido em remuneração, em especial dinheiro²⁷ (SIMMEL, 1973, p. 14).

Como se viu, Brasília, a cidade lógica, motorizada e planejada, curvou-se à funcionalidade e à apropriação de seus habitantes que, diante da ausência das esquinas, criou o que denominamos de um “*trottoir-drive-thru*”, convertendo ruas e estacionamentos em vitrines para a exposição dos produtos sexuais.

Além disso, a comodidade e a conveniência dos serviços prestados nos “ambientes”, que são extensões do ponto de prostituição, ou do *pedaço*, o território de cada prostituta, garante a integração na agenda dos clientes, do prazer (SIMMEL, 1973, p. 15)²⁸, do trabalho e das justificativas para rápidas visitas às “mulheres públicas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, a partir da ideia foucaultiana de dispositivo, buscamos explorar como subjetividades, corpos e espaço urbano se interpenetram em fenômenos sociais complexos, como a prostituição urbana, especificamente a prostituição urbana no contexto de uma importante via do Plano Piloto de Brasília: a W3 Norte. Ao final, diante de todos esses elementos heterogêneos foi possível indicar traços para um dispositivo da prostituição feminina no referido espaço, caracterizado pelo intenso tráfego de veículos, pela separação espacial das atividades, pela cristalização de representações morais, religiosas, médicas, jurídicas e sociais sobre a prostituição feminina, pela objetivação das relações pessoais, discrição, anonimato, praticidade e agilidade da atividade.

É nesse entrelaçamento que surge não só o referido dispositivo, consubstanciado na objetivação das relações entre esses elementos, mas também, ao menos em parte, a própria subjetividade de prostitutas, clientes, policiais e de outros agentes sociais, na medida em que as suas trajetórias pessoais atravessam esse *pedaço*. Assim, por exemplo, o dispositivo da prostituição na W3 Norte influencia a visão de si e do mundo tanto das “mulheres públicas” quanto das “pessoas de bem” que buscam invisibilizá-las, mobilizando um caleidoscópio de discursos para conferir respeitabilidade às suas ansiedades morais.

Essas observações não esgotam os meandros desse dispositivo. Afinal, trata-se de uma ideia líquida, permanentemente mutável e condicionada pelas maiores e as menores coisas. A integral compreensão do dispositivo da prostituição na W3 Norte passaria por entender como funciona, por exemplo, o dispositivo da prostituição no Distrito Federal considerado na sua totalidade ou, mais ainda, como funciona o dispositivo da própria cidade como um todo ou ainda a trajetória individual de cada indivíduo cuja história interage com o dispositivo em questão. Isso é claramente inviável, mesmo em trabalhos de maior fôlego. Todavia, acreditamos que o presente trabalho contribui para o avanço no entendimento de todos esses dispositivos, grandes e pequenos, e esse, no fim, é o objetivo da pesquisa científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Tradução de Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CALDEIRA, Júnia Marques. Uma investigação sobre a questão do espaço público. *Cadernos de filosofia contemporânea*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 26-39, 2000.
- CAPELA, Gustavo Moreira. *O direito à prostituição: aspectos de cidadania*. 2013. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CORBISIER, Roland. *Brasília e o desenvolvimento nacional*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1960.

- COSTA, Lúcio. *Brasília, cidade que inventei*. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1991.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guillhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução de Márcia Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- GROSZ, Elizabeth. *Corpos reconfigurados*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 14, p. 45-86, 2000.
- _____. Bodies-Cities. In: COLOMINA, Beatriz (Ed). *Sexuality and Space*. New Jersey: Princeton University School of Architecture, 1990. p. 241-253.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (Org.). *Na metrópole: Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 1-30.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. *Cadernos de História de São Paulo*, São Paulo, n. 2, jan./dez. 1993.
- NUCCI, Guilherme de Souza. *Crimes contra a dignidade sexual: comentários à Lei 12.015, de 7 de agosto de 2009*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009.
- PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. Tradução de Soraya Silveira Simões. *Antropolítica*, Niterói, n. 25, p. 99-111. 2. sem. 2008.
- RAFFNSØE, Sverre “Qu’est-ce qu’un dispositif? L’analytique sociale de Michel Foucault,” *Symposium (Canadian Journal of Continental Philosophy / Revue canadienne de philosophie continentale)*: Vol. 12: Iss. 1, Article 5, 2008.
- SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. p. 10-24.
- SIMÕES, Soraya Silveira. *Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2009.
- SILVA, Cyntia Cristina de Carvalho e. *Narrativas sobre a prostituição feminina na W3 Norte: construindo um dispositivo*. 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- SOARES, Dulce (Org.). *Brasília: Guiarquitetura*. São Paulo: Empresa das Artes, 2000.
- TEIXEIRA, Marcelo Augusto de Almeida. *Presença incômoda: corpos dissidentes na cidade modernista*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

NOTAS EXPLICATIVAS

- ¹ Dissertação intitulada “Narrativas da Prostituição Feminina na W3 Norte: construindo um dispositivo”. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/22494>>.
- ² O termo original utilizado por Foucault é *dispositif* e sua tradução é bem variada na literatura, causando inúmeras discussões acadêmicas, as quais ultrapassam os objetivos deste trabalho. Contudo, para os presentes fins, necessário o conhecimento de que dispositivo pode ser considerado também como *apparatus*, aparelho, ou construto. Para saber mais: BUSSOLINI, Jeffrey. What is a Dispositive? *Foucault Studies*, n. 10, p. 85-107, November 2010.
- ³ *Episteme* é a palavra grega para conhecimento e epistemologia seria o estudo do conhecimento. Para Foucault, a ideia de episteme é mais específica de forma a ser localizada no espaço e no tempo e como ele mesmo diz: “é o conjunto das relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente a sistemas formalizados; (...) é o conjunto de relações que podem ser descobertas, para uma época dada, entre as ciências, quando estas são analisadas no nível das regularidades discursivas) (FOUCAULT, 2005. p. 214).

- ⁴ Foucault, na obra “A história da sexualidade”, trata de um dispositivo da sexualidade, o qual aponta, em resumo, os seguintes elementos: 1) operabilidade por meio de técnicas móveis, poliformas e conjunturais de poder; 2) promove formas de controle e comportamento social; 3) refere-se às sensações do corpo, à qualidade dos prazeres, à natureza das impressões; 4) ligação com a economia por meio da ideia do corpo. Dessa forma, para Foucault, o dispositivo da sexualidade tem como principal função estratégica a “penetração e o controle do corpo individual e social” (CASTRO, 2009).
- ⁵ Ao total foram feitas entrevistas com 10 prostitutas que atuam na avenida W3 Norte, 4 clientes, 3 policiais civis responsáveis pelo registro de ocorrências nas 5ª e 2ª Delegacias de Polícia da Polícia Civil do Distrito Federal – DP/PCDF, 2 delegadas da Delegacia de Atendimento à Mulher – DEAM, 2 agentes de investigação da 2ª DP/PCDF e 5 policiais militares que atuam no policiamento ordinário e no policiamento operacional (GTOP) na área da W3 Norte. Importante destacar que o acesso aos policiais militares e civis foi facilitado em razão de uma das autoras do artigo ser Delegada de Polícia. Outro ponto fundamental é o lugar de pesquisadora-mulher o que facilitou o contato e a interação com as prostitutas que, voluntariamente, participaram da pesquisa e argumentaram sentir-se à vontade a dar suas opiniões para outra mulher.
- ⁶ A atividade de prostituição é realizada independente do sexo ou gênero, mas na grande maioria das vezes e das observações de campo, verifica-se que ela é prestada por prostitutas do gênero feminino, termo que será utilizado ao longo do artigo.
- ⁷ “Brasília, a cidade sem esquinas” é uma representação social oficialmente reconhecida pelo Governo Federal, já que esse é título de um texto que descreve as características da Capital Federal. Cf. <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2014/02/brasilia-uma-cidade-sem-esquinas> consulta realizada em 17/07/2020>.
- ⁸ A escritora Clarice Lispector immortalizou sua impressão da ausência das esquinas em Brasília: “Brasília é uma cidade abstrata. E não há como concretizá-la. É uma cidade redonda e sem esquinas. Também não tem botequim para a gente tomar cafezinho. É verdade, juro que não vi esquinas. Em Brasília não existe cotidiano. A catedral pede a Deus. São duas mãos abertas para receber. Mas Niemeyer é um irônico: ele ironizou a vida. Ela é sagrada. Brasília não admite diminutivo. Brasília é uma piada estritamente perfeita e sem erros. E a mim só me salva o erro. [...] Paro um instante para dizer que Brasília é uma quadra de tênis... Brasília tem cheiro de pastas de dentes... quero voltar e decifrar seu enigma. Quero, sobretudo, conversar com os universitários. Quero que eles me convidem para participar dessa aridez luminosa e cheia de estrelas. Será que alguém morre em Brasília?” (LISPECTOR, Clarice. Brasília: Esplendor, 1974. Disponível em: <http://brasiliapoetica.blog.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=1763>. Acesso em: 16 jul. 2020).
- ⁹ Le Corbusier (1887-1965) foi um arquiteto, urbanista, escultor e pintor francês, considerado um dos mais importantes arquitetos do Século XX, cujas ideias principais referem-se à conformação das transformações trazidas pelo capitalismo com a cidade, por exemplo, rapidez no deslocamento de veículos, volume de tráfego, heterogeneidade funcional, novas tecnologias. Para ele a cidade deveria ser ordenada e racional. Segundo Magnani, Le Corbusier teria dito: “Precisamos matar a rua!”, necessidades da Carta de Atenas, que previa espaços separados para morar, divertir-se, trabalhar e circular. (MAGNANI, 1993).
- ¹⁰ A carta de Atenas foi um manifesto redigido por Le Corbusier (1887-1965), relator do 4º Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), realizado em cruzeiro pelo Mar Egeu, em 1933. Suas formulações sumárias e esquemáticas sintetizam as principais ideias sobre urbanismo no contexto do Movimento Moderno. Já na década de 1960, essas ideias foram muito criticadas e são consideradas ultrapassadas atualmente. (SOARES, 2000, p. 54).
- ¹¹ Marcelo Teixeira, arquiteto, estudou a Geografia das Sexualidades e sua relação com a arquitetura em Brasília para o público homossexual, e ele destacou áreas como saunas na Avenida W3, o Parque da Cidade Sarah Kubitschek, e o Conic como de interesse para esse público. (TEIXEIRA, 2013).
- ¹² Disponível em: <<http://www.jornaldebrasilia.com.br/cidades/presenca-de-garotas-de-programa-incomoda-os-moradores-do-plano-piloto/>> e em: <<http://www.radargama.com.br/trafico-e-consumo-de-crack-intimidam-moradores-da-asa-norte/>>. Acessos em: 16 set. 2016.

- ¹³ Estimativas da população do DF para 2020 estão disponíveis em <<http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/Panorama-Habitacional-prospectivo-para-o-DF-2020-2025.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2020.
- ¹⁴ Apesar de o nome Brasília ser formalmente sinônimo de Distrito Federal, uma área que abrange o núcleo da cidade conhecido como Plano Piloto e também as 31 Regiões Administrativas, cidades periféricas ou “cidades-satélites”, Brasília é usualmente referenciada como sendo apenas a área do Plano Piloto, que inclui a região central administrativa, tanto do Estado Federal quanto Distrital, e os bairros da Asa Norte e Asa Sul.
- ¹⁵ *Cardus maximus* era, juntamente com a perpendicular *decumanus maximus*, a principal avenida das cidades romanas, planejadas tendo como base os acampamentos militares. A *cardus maximus* possuía uma orientação norte-sul e se cruzava com a *decumanus maximus*. Em geral, na *cardus maximus* situavam-se as atividades mercantis e político-administrativas da *urbes*. Ou seja, o coração pulsante da cidade. (SENNETT, 2016, p. 96).
- ¹⁶ Oficialmente as quadras são denominadas de Setor de Habitações Individuais Geminado Sul (SHIGS) e norte (SHIGN).
- ¹⁷ Não existem as quadras 501 e 701. A contagem começa da 502 e da 702, pois a área que seriam as quadras 501 e 701 tornaram-se setores específicos, como o Setor de Rádio e Televisão, o Setor Hospitalar etc.
- ¹⁸ Reportagem publicada em 30/9/2012, sobre a reação dos moradores contra a prostituição na Asa Norte. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/distrito-federal/noticias/moradores-da-rua-que-ja-foi-ponto-de-prostituicao-repudiam-a-fama-do-local-20120930.html>>. Acesso em: 17 jul. 2020.
- ¹⁹ A sigla CLN refere-se ao Comércio Local Norte, localizadas entre muitas superquadras tanto na Asa Sul quanto na Asa Norte. Consiste numa rua cercada de prédios baixos, onde há tanto estabelecimentos comerciais no térreo e subsolo quanto residências nas sobrelojas.
- ²⁰ Nessa reportagem do Jornal de Brasília de 2012, noticia-se ainda “a presença incômoda” das prostitutas de rua nas quadras 314/714 Norte, e a ação dos moradores da região contra elas. Disponível em: <<http://www.jornaldebrasilia.com.br/cidades/presenca-de-garotas-de-programa-incomoda-os-moradores-do-plano-piloto/>>. Acesso em: 19 set. 2016. Já esse artigo, publicado em 2003 pelo Departamento de Doenças Sexualmente Transmissíveis, vinculado ao SUS, noticia o avanço da prostituição na Asa Norte, as preocupações com a disseminação de doenças e também a reação dos moradores no local e da polícia, diante do que eles consideram problema. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/noticia/prostituicao-avanca-na-asa-norte>>. Acesso em: 19 set. 2016.
- ²¹ Jornal Informativo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Segundo a reportagem, os moradores e comerciantes da região culpam a prostituição pelo aumento da violência e do tráfico de drogas. Disponível em: <<http://campus.fac.unb.br/arquivo/campus12014/cidade/item/2108-prostituicao-incomoda-moradores-da-asa-norte>>. Acesso em: 19 set. 19.
- ²² SILVA (2016).
- ²³ LISPECTOR, Clarice. Brasília: Esplendor, 1974. Disponível em: <http://brasiliapoetica.blog.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=1763>. Acesso em: 17 jul. 2020.
- ²⁴ Em revés, é possível que ausência da atividade de prostituição na parte sul da avenida W3 possa ser justificada por uma série de motivos. Ao contrário da parte norte da mesma avenida que possui lojas comerciais, bancos e prédios públicos dos dois lados, a avenida W3 Sul na parte superior (quadras 700) possui casas residenciais, a maioria sobrados, onde moram pessoas da classe média alta de Brasília. Naturalmente, a prostituição que não é bem vista pela sociedade não poderia estabelecer-se naquela região de forma tão ostensiva. Outra possível razão é a crescente decadência da avenida W3 Sul, tanto durante o dia quanto durante a noite. Caminhando por ela a partir das 22h00, dificilmente encontra-se uma loja comercial aberta, ainda que seja um restaurante. Ademais, os espaços são pouco iluminados e a ausência do fluxo de pessoas prejudica a chegada de clientes, que, temem, possivelmente, ser vítimas de crimes. Finalmente, outro possível motivo é a inexistência de estacionamentos grandes em

frente às lojas comerciais, local onde ficam as prostitutas no contexto da W3 Norte, já que na avenida W3 Sul, os estacionamentos localizam-se no canteiro central da via.

- ²⁵ Jane Jacobs foi uma jornalista e ativista canadense que criticou duramente as formas de apropriação do espaço urbano nos Estados Unidos, o que motivou sua prisão em 1968 e sua mudança definitiva para o Canadá. Sua principal obra foi o livro “Morte e Vida das Grandes Cidades”, 1961, onde ela critica o projeto urbano subordinado ao excesso de planificação, sem deixar espaço para o potencial das relações sociais na construção e desenvolvimento das cidades.
- ²⁶ A Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE) é uma região integrada de desenvolvimento econômico, criada pela Lei Complementar Federal n. 94/98, que abrange o Distrito Federal, municípios de Goiás (Valparaíso de Goiás, Cidade Ocidental, Novo Gama, Luziânia, Águas Lindas de Goiás, Santo Antônio do Descoberto, Planaltina de Goiás, Formosa, Abadiânia, Água Fria de Goiás, Alexânia, Cabeceiras, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Mimoso de Goiás, Padre Bernardo, Pirenópolis, Vila Boa e Vila Propício) e Minas Gerais (Unaí, Buritis e Cabeceira Grande).
- ²⁷ A economia do dinheiro domina a metrópole; ela desalojou as últimas sobrevivências da produção doméstica e a troca direta de mercadorias; ela reduz diariamente a quantidade de trabalho solicitado pelos clientes. A atitude que podemos chamar prosaísta, estilo obviamente tão intimamente inter-relacionada com a economia do dinheiro, que é dominante na metrópole, que ninguém pode dizer se foi a mentalidade intelectualística que primeiro promoveu a economia do dinheiro ou se esta última determinou a primeira. (SIMMEL, 1973, p. 14).
- ²⁸ Assim, a técnica da vida metropolitana é inimaginável sem a mais pontual integração de todas as atividades e relações mútuas em um calendário estável e impessoal. (...) Pontualidade, calculabilidade, exatidão, são introduzidas à força na vida pela complexidade e extensão da existência metropolitana e não estão apenas muito intimamente ligadas à economia do dinheiro e caráter intelectualístico. (SIMMEL, 1973, p. 15).